

GAMBITO DE PEÃO

Leilac Leamas

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
GAMBITO DE PEÃO

Publicado nos EUA
Primeira impressão 2024 (1.ª Edição)
Referência Interna SP2024.024
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



Aos Napoleões, Nunca Peões,

Dedicado a todos vocês—os poucos destemidos que forjam os seus próprios destinos e lideram com convicção contra todas as adversidades. Tal como Napoleão, manobram pelos campos de batalha da vida, não como peões, mas como mestres do vosso próprio destino. Que a vossa coragem e determinação inspirem um legado de mudança.

Prólogo

Num mundo onde o poder se veste de segredo e traição, as apostas são tão vertiginosas quanto as alturas alcançadas pela elite silenciosa, eu desempenho o meu papel. Para o observador casual, sou Leilac Leamas, um mero consultor de empresas, lidando com o comércio e as finanças. Mas por baixo desta fachada, uma verdade diferente se agita—uma verdade apenas conhecida nos círculos clandestinos onde fortunas são feitas e impérios desmoronam.

No meu discreto escritório, sou uma figura de recursos invulgares à beira de uma teia complexa, cujos fios se estendem pela estratégia, finança, litigância e sedução. O convite que se insinuou na minha caixa de correio eletrônico—um jantar no Le Olivo, com o pano de fundo do luxo de Maiorca. No entanto, dentro desta simples proposta reside um xadrez de implicações, uma dança de máscaras e motivos onde nada é tão altruístra e simples quanto parece.

A missão que me chamava envolvia-me num disfarce subtil de festas sociais e hedonistas, mas pulsava com uma corrente subterrânea de ferocidade estratégica. No grande tabuleiro de xadrez da intriga corporativa e dos tribunais, Maiorca era mais que um mero retiro pitoresco, era um palco para um *ballet* de espionagem e influência meticulosamente coreografado.

Os meus adversários, titãs revestidos de grandes fortunas e influência, incluíam o Nemesis—uma figura formidável cuja

inimizade de longa data teve a sua génese na decorrocada de um gigante de telecomunicações em Portugal e no Brasil, para a qual ele foi um dos principais contribuintes.

Embora ocasionalmente tenhamos formado alianças estratégicas, ele sempre me odiou por todas as derrotas que lhe infligi, como cicatrizes tatuadas impossíveis de ignorar.

No seu âmago estava um impulso implacável: a minha destruição total. A sua influência, oriunda de ligações com os antigos serviços secretos espanhóis e portugueses, era alimentada mais por uma sede de vingança do que por qualquer desejo de ganho financeiro. Ele planeou meticulosamente minar as minhas missões, fossem elas quais fossem. No entanto, a sua perspicácia aguçada nunca negligenciava a oportunidade de lucro; mesmo no meio das suas *vendettas* pessoais, o Nemesis capitalizava habilmente cada confronto, transformando a luta em sucesso financeiro. As suas manobras eram uma *masterclass* na dupla tentativa de obter ganho e a minha ruína, jogando peões num jogo de sombras onde as verdadeiras intenções são veladas por fachadas quotidianas.

Aqui, cada sorriso escondia uma estratégia, cada troca educada um plano cuidadosamente elaborado. As festas opulentas eram o meu campo de batalha e os murmúrios da elite as minhas pistas. Neste jogo, o conhecimento era tanto arma como escudo, manejado com a precisão de um mestre estrategista.

À medida que as peças da nossa guerra silenciosa se alinhavam, o xadrez da realidade mudava subtilmente. Em breve, nesta estória, embarcaria num avião, a minha calma exterior escondendo a tempestade de atividade por baixo. O jogo foi montado; as peças estavam em movimento e os peões prontos para um gambito.

No fechar suave da porta do meu escritório, uma verdade ressoava—um peão pode derrubar reis e rainhas, mas apenas se ousar mover-se para além do seu caminho prescrito e, por vezes, fazer o sacrifício supremo. No tabuleiro de xadrez do poder, cada movimento contava e a fachada mais inócua podia esconder as intenções mais letais.

1

Contragambito Albin

Maiorca, Espanha

Uma mensagem silenciosa sinalizou o meu ProtonMail, um serviço com forte criptografia de ponta a ponta, baseado na Suíça, conhecida pelas suas rigorosas leis de privacidade. As palavras do *email* foram compostas com o cuidado meticuloso de uma aranha a tecer uma teia que era tanto um convite quanto uma armadilha. Propunha um jantar no pitoresco Le Olivo, embalado no luxo do Hotel La Residencia, onde a elegância e a *nonchalance* se encontram—uma joia na coroa Belmond. Este não era um simples jantar, mas uma missão secreta disfarçada nos trajes de uma *soirée* social e uma astuta manobra de *marketing*.

Maiorca era agora tanto o meu destino quanto a minha agenda.

O mandato era cristalino: assegurar o apoio de um fundo de investimento para destronar uma companhia aérea europeia. Uma peça-chave no tabuleiro de xadrez, um cidadão suíço, estaria acompanhado por uma mulher italiana no jantar e na festa subsequente. Eles permaneceriam na ilha por vários dias. A minha tarefa era infiltrar-me no seu círculo e garantir o seu apoio financeiro para determinadas atividades públicas e altamente escrutinadas.

A logística foi meticulosamente organizada. O Fiat 500 elétrico era ideal para circular pelas pitorescas ruas de Maiorca, enquanto a

Vespa proporcionava um toque de charme italiano que a Camilla certamente apreciaria. O barco, um modelo elegante e luxuoso, estava reservado para encontros mais íntimos, caso surgisse a oportunidade. Poderíamos então discutir negócios longe de olhares curiosos, rodeados pelo *glamour* e pelas águas cristalinas de Maiorca.

Nos dias antes da partida, a minha vida tornou-se um turbilhão de precisão e estratégia. Eu adotaria uma nova pele para esta mascarada, criando uma *persona* polida à perfeição, capaz de se fundir com as sombras abastadas da alta sociedade sem mostrar uma única costura.

Mergulhei nas profundezas dos mundos dos meus alvos. Heinrich Baumann, um titã na arena financeira, enriquecia a sua vida com os despojos de leilões de arte e *vintages* raros. A Camilla Ricci, uma sereia de seda e filantropia, flutuava por noites de gala e puzzles culturais. Os seus perfis—digitais e de outra forma—eram as minhas escrituras.

A Toscin e a minha equipa, planearam cuidadosamente a nossa operação. Eu apresentava-me como um enviado cultural, retratando tanto um escritor de espionagem e ficção erótica, como um defensor dos direitos dos consumidores com ligações profundas à Comissão Europeia. Isso proporcionava-me a cobertura perfeita para me infiltrar na festa exclusiva. Cuidadosamente selecionei o meu guarda-roupa, cada peça uma escolha projetada para ocultar as minhas verdadeiras intenções.

Circular por Maiorca exigia mais do que um mero transporte; requeria um conhecimento íntimo da sua paisagem. Estudei cada viela e refúgio, memorizei o menu do Le Olivo, preparando-me para deslumbrar com acuidade culinária ou entrelaçar a minha narrativa nos sabores partilhados à nossa mesa.

Diálogos contínuos com a Toscin garantiam que nenhum detalhe fosse negligenciado. Criámos uma rede de possibilidades, cada cenário uma sequência de jogadas no grande tabuleiro de xadrez dos nossos objetivos. Ensaíamos entradas e saídas, a dança de um operativo a desempenhar um papel num palco preparado para altos riscos, comportamentos desenhados para não levantar suspeitas.

A voz da Toscin ganhou vida através da linha criptografada do meu Bittium Tough, um telemóvel conhecido pelas suas características de segurança. O cartão SIM, especificamente desenhado para prevenir o rastreamento e as escutas, assegurava que a nossa conversa permanecesse um sussurro fantasmagórico no mundo digital.

“Ei, tens vivido debaixo de uma pedra ou quê?” Perguntou ela, saltando as formalidades como de costume. “Tenho o teu voo marcado numa *low-cost*—sem luxos, para que a tua viagem passe o mais despercebida possível.”

Sorri, recordando as inúmeras vezes que partilhámos segredos ao longo dos anos. As nossas trocas tinham-se tornado tão casuais e diretas que muitas vezes pareciam mais brincadeiras do que discussões sérias. Ri baixinho, os meus olhos a percorrerem o *dossier* espalhado na minha secretária. “Como está o esconderijo?”

“Retiro de Ratxó. Silencioso, afastado—perfeito para os teus *rendezvous* e sessões de planeamento. Estás escondido de Deià e dos narizes elegantes do Hotel Belmond La Residencia.”

“Isso serve, Toscin. É bom ter um terreno que fale mais de oliveiras e menos de olhares curiosos. E o carro e a Vespa?”

“Tudo alinhado,” ela confirmou. “O Fiat para as tuas viagens diárias e a Vespa para aquele charme local—imagina-te, a ziguezaguear como uma estrela de cinema italiana, mas, menos dramático.”

O meu riso foi um murmúrio suave. “E o iate? É lá que a magia precisa acontecer.”

“Garantido e abastecido. É elegante, discreto—o cenário perfeito para a tua pequena dança de sedução com a Camilla e Baumann. E não te preocupes, a Paloma está a par do enredo. Ela desempenhará o seu papel.”

“Ótimo,” refleti, já analisando os ângulos. “Ela é o toque de pincel na nossa pintura, precisa de se integrar perfeitamente.”

“Exatamente. E ela é astuta, Leilac. Tnuma boa cabeça sobre os ombros. Falei com ela ontem para acertar os detalhes. Vão fazer um par convincente,” acrescentou a Toscin, com aprovação evidente no tom de voz, mas também com um toque de provocação.

Senti um calor espalhar-se por mim, um traço dos anos e das milhas que tínhamos navegado juntos. “Obrigado, Tosc. Sei que tens a logística controlada, mas mantém os olhos abertos. Estamos a passar um fio pela agulha.”

“Não o faço sempre?” A voz dela era leve, mas as palavras eram de aço. “Ouve, está tudo encriptado, fora do registo, fora do radar. Eles não te vão ver a chegar. Vais aparecer apenas quando tiveres de aparecer e em grande estilo, com a Paloma.”

Acenei com a cabeça, encorajado pela sua confiança. “Mantém as luzes acesas em casa, ok? E Toscin—fica segura.”

“Sempre fico. Faz o mesmo. E Leilac?” Ela parou, a linha zumbia silenciosa.

“Sim?”

“Dá-lhes cabo do canastro. Metaforicamente, claro.” O riso dela era um crepitar de folhas secas, um som que me aquecia contra o frio da minha tarefa.

“Claro,” respondi, com um sorriso ligeiro nos cantos dos lábios.

Terminámos a chamada, o zumbido da linha desapareceu no silêncio. A missão aguardava, banhada no brilho dourado de Maiorca, uma terra que prometia tanto perigo quanto prazer. Era um tabuleiro de xadrez de armadilhas ensolaradas e oportunidades sombreadas, onde cada movimento contava. Ali, no meio do calor de julho, nós—juntamente com a Paloma—mostraríamos a nossa mestria ou sacrificaríamos o nosso primeiro peão no gambito inevitável.

Aterrei no aeroporto de Palma de Maiorca à meia-noite e vinte minutos. Mesmo a essa hora, os turistas enxameavam como abelhas ao redor do mel. A única *rent-a-car* aberta era a Ok Mobility, onde aluguei um FIAT 500 elétrico, branco gelo.

Enviei uma mensagem à Toscin, “aterrei, já a caminho.” Outra para a Paloma, “30 minutos e chego.”

A viagem do aeroporto até ao hotel Ratxó Retreat levou meia hora. O motor elétrico do FIAT zumbia suavemente enquanto eu percorria as estradas, através de olivais e amendoeiras. Parecia que estava a fugir do mundo, com a lua a lançar um brilho prateado sobre a paisagem serena.

Ao entrar na Reserva Park, a estrada estreitou-se num caminho pavimentado que serpenteava por uma floresta densa. Árvores altas erguiam-se como sentinelas silenciosas, arbustos crescidos e ervas selvagens a transportar o aroma da noite mediterrânica. Era isolado, pacífico—um refúgio perfeito.

O Hotel Ratxó Retreat apareceu como um oásis mágico, onde os seus edifícios de pedra brilhavam calorosamente contra a noite. A piscina cintilava como uma safira sob o céu estrelado e os caminhos iluminados por lanternas criavam uma atmosfera convidativa. Era um lugar desenhado para momentos românticos e relaxar.

A Paloma estava à entrada e a sua silhueta era uma sombra delicada contra a pedra iluminada. Vestia um vestido branco, simples mas elegante, com o cabelo escuro a cair-lhe sobre os ombros. Os seus olhos, intensos, encontraram os meus num olhar acolhedor.

“Conseguiste,” disse ela, com a musicalidade do seu sotaque espanhol.

“Claro,” respondi, saindo do carro. “Não perderia isto por nada.”

Ela sorriu. “Como foi o voo?”

“Longo, tedioso e cheio de crianças a gritar. Mas a viagem até aqui compensou.”

Ela riu-se suavemente, como uma brisa gentil a agitar as árvores. “Vamos, entremos. Temos muito que discutir.”

“Amanhã. Agora, só quero um bom duche e uma cama confortável. Estou exausto,” disse.

Caminhámos pelos terrenos do hotel com a luz suave a guiar-nos. No interior, o átrio era uma mistura de charme rústico e elegância moderna. Paredes de pedra, vigas de madeira e móveis luxuosos criavam um ambiente acolhedor e refinado.

O nosso quarto era uma harmonia de charme rústico e conforto moderno. Grossas vigas de madeira escura seguravam o teto, acrescentando calor e carácter. As paredes pintadas de branco criavam um fundo limpo e brilhante, enquanto os ladrilhos de terracota davam um toque tradicional mediterrâneo. O centro do quarto era uma grande cama de dossel com um véu branco e roupa de cama de linho de alta qualidade. Uma área de estar confortável com duas poltronas e uma mesa de café convidava a relaxar.

“Um quarto e uma cama?” Perguntei.

“Sim. Lembra-te, somos um casal,” respondeu a Paloma, sorrindo.

“Vamos dormir na mesma cama,” respondi.

“Sim, mas se preferires, há o chão ou as poltronas,” riu-se.

“A Toscin, sempre a controlar os custos. Esta é a Suíte Junior Singular. Eles têm uma com piscina privada—maior e mais fixe,” lamentei.

“Vá lá, isto é mesmo fixe,” disse ela, acrescentando, “e depois, mudamos para o Belmond.”

“Temos jantar lá,” respondi.

A Paloma inclinou-se para a frente, “então, a Toscin contou-te tudo?”

“Não tudo,” disse, afundando-me numa poltrona e cruzando as pernas. “Mas o suficiente para saber que estamos em apuros. Esta cadeira é confortável; poderia dormir aqui.”

Ela acenou com a cabeça e com um sorriso irónico a brincar nos seus lábios. “Apuros é um eufemismo. Estamos no meio de um jogo de xadrez e cada movimento conta. Podes dormir aí se quiseres.”

“Quem é o rei neste jogo?” Perguntei, levantando uma sobrancelha.

“Essa é a questão, não é?” Ela respondeu. “Somos todos peões até descobrirmos.”

Não pude deixar de rir. “Peões com delírios de grandeza.”

“Exatamente,” disse ela, com o sorriso a alargar. “Mas os peões podem tornar-se rainhas, dadas as circunstâncias certas. Mas nunca reis.”

Levantei-me da cadeira, desfiz as minhas malas e conversei com a Paloma. O meu objetivo era um duche relaxante. A noite ainda era jovem e o ar de verão de Maiorca quente e perfumado, prometia descanso e sonhos entrelaçados com os pensamentos do dia.

Deitado na cama, sob os lençóis macios, os meus olhos percorriam a suíte acolhedora. O teto com vigas de madeira escura, tão típico de Maiorca, pairava sobre mim. À minha esquerda, através das persianas parcialmente abertas, vislumbrei a casa de banho. A Paloma estava a tomar banho, o seu corpo nu e bronzeado

uma visão através do vidro. O seu cabelo escuro caía pelas costas como uma cascata de água. A porta aberta da casa de banho convidava-me a entrar e juntar-me a ela, mas naquele momento, eu estava contente apenas em apreciar a vista. O quarto parecia uma bolha intemporal, um casamento perfeito entre o charme rústico e o conforto moderno, onde azulejos de terracota encontravam paredes brancas numa dança mediterrânica.

O som da água cessou e a Paloma emergiu, envolta numa toalha branca e outra a turbanar o cabelo. Movia-se com uma elegância descomplicada, daquelas que faziam o meu coração bater um pouco mais forte.

“Estás acordado? Dormiste bem?” Perguntou ela.

“Como um bebé,” respondi, esticando-me languidamente. “E tu?”

“Infelizmente, sim,” ela suspirou.

“Infelizmente?” Levantei uma sobrancelha, confuso.

“Sim. O meu novo marido ignorou-me a noite toda, mesmo quando me vesti com a minha *lingerie sexy*,” disse ela, fazendo beicinho dramaticamente.

Eu ri, abanando a cabeça. “Estás a falar do teu pijama? Isso não era *lingerie*, apesar de ser bonito. E tenho de admitir, era *sexy*.”

“Estou a interpretar o meu papel, homem. E precisamos de discutir isto melhor. Já estudei o Baumann, mas não Camilla. E tu?” Ela perguntou, com o tom a mudar para negócios com uma aresta brincalhona.

“Mais ou menos. Ela é italiana,” disse eu, saindo da cama e esticando-me novamente, sentindo o puxão dos músculos que ansiavam por descanso.

“Ela é mesmo bonita,” disse a Paloma.

“A Toscin enviou-me um *résumé* em PDF. Abri no meu telemóvel, mas as imagens não carregaram bem. Por isso, não sei quem ela é, mas não importa. Daqui a uns dias, verei, e se necessário, improvisarei. Isto é Maiorca,” respondi, caminhando em direção à janela. A luz da manhã filtrava-se pelas persianas, lançando um brilho quente no quarto. “E Paloma, terminei recentemente uma relação, por isso não me pressiones demasiado. Na verdade, se isso não tivesse acontecido, podes ter a certeza de

que na noite passada, aquele copo de vinho depois do meu banho teria transformado-se numa noite em que não poderíamos dormir.”

“Promessas,” ela riu.

Virei-me para ela, absorvendo o seu sorriso radiante, e senti uma pontada de algo que não conseguia identificar. “Vou dar um mergulho na piscina. Encontro-te ao pequeno-almoço.”

Ela acenou com a cabeça, um brilho provocador nos olhos. “Não demores muito. Posso encontrar outra distração.”

“Boa sorte com isso,” eu sorri, dirigindo-me à porta. “Sabes, fazes-me lembrar a Cleópatra, a seduzir o António longe dos seus deveres. Só não comeces uma guerra no processo.”

“Só se trouxeres o Egito de volta,” ela respondeu, a risada dela a seguir-me enquanto me dirigia para a piscina.

A água estava fresca contra a minha pele, lavando os últimos resquícios do sono. Flutuei de costas, olhando para o céu azul, pensando nos dias que viriam. O sol subia mais alto e eu sabia que seria outro dia abrasador. Maiorca em julho era sempre escaldante.

Pensava na Camilla, a beleza desconhecida cujo nome agora flutuava nas nossas conversas. A Toscin tinha um talento especial para encontrar as pessoas certas. A menção do Baumann pela Paloma não me passou despercebida. Mesmo que estivéssemos a falar de diferentes Baumanns, pensei em Zygmunt. As teorias de Zygmunt Baumann sobre a modernidade líquida sempre me fascinaram—a forma como as relações, identidades e ligações globais eram fluidas e em constante mudança. Era uma metáfora apropriada para o mundo que navegávamos.

Ao sair da piscina, enxuguei-me e voltei para a suíte. A Paloma já estava vestida, um vestido de verão leve a aderir-lhe em todos os lugares certos. Ela olhou por cima do telefone, com um sorriso a brincar nos lábios.

“Pronto para o pequeno-almoço?” Ela perguntou.

“Sempre,” respondi, vestindo uma camisa. “E depois disso, vamos falar sobre o plano. A Camilla, o Baumann e tudo pelo meio.”

“Combinado,” ela disse, passando o braço pelo meu enquanto saíamos. “Mas primeiro, vamos aproveitar a manhã. Afinal, estamos no paraíso.”

Uma hora antes do pôr do sol, chegámos ao Le Olivo, o famoso restaurante dentro do luxuoso Hotel La Residencia, um hotel Belmond. O cenário era simplesmente mágico. O sol pendia baixo no céu, lançando um brilho dourado e quente sobre o terraço pavimentado com pedra. A brisa da noite era agradavelmente fresca, transportando o suave farfalhar das oliveiras que ladeavam a área do jantar, com as suas folhas a cintilar suavemente na luz que desvanecia.

“Leilac, este lugar é um postal,” disse a Paloma, enquanto nos sentávamos. As cadeiras de vime eram um toque encantador, misturando a tradição rústica com a sofisticação elegante do nosso serviço de mesa. Linhos brancos impecáveis, copos de vidro delicados e o murmúrio subtil das conversas preenchiam o espaço ao nosso redor.

“Pergunto-me se o Baumann e a Camilla vão apreciar a vista tanto quanto nós,” respondi, com um toque de sarcasmo nas palavras. O casal que estávamos ali para observar ainda não tinha chegado e a ironia da nossa situação não me escapava.

“Talvez seja aquela atrasado estiloso,” sugeriu a Paloma com um sorriso irónico. Os seus olhos brilhavam sob a luz dourada e eu não podia deixar de ser atraído pela sua elegância natural. O seu vestido, uma peça de seda fluída, movia-se com a brisa e completava a tranquilidade do ambiente do restaurante.

O pessoal movia-se graciosamente entre as mesas com movimentos quase coreografados. Era como assistir a um *ballet* bem ensaiado, com cada passo intencional e fluido.

O nosso empregado de mesa chegou, com um comportamento tão polido quanto os copos da nossa mesa.

“Gostariam de começar com um pouco de vinho?” Perguntou, o seu sotaque espanhol dava-lhe uma autenticidade distinta.

“Algo local, por favor,” disse, lançando um olhar para a Paloma à procura da sua aprovação. Ela assentiu, o seu sorriso nem vacilou.

À medida que o empregado se afastou, a Paloma inclinou-se mais para perto. “Leilac, já pensaste em como nos vamos apresentar na festa desta noite?”

“Vamos jogar o jogo,” disse eu em voz baixa, acrescentando depois, “vamos tornar-nos tão desejáveis que eles nos convidarão.”

“Como?” Ela perguntou.

“Fácil, já és desejável,” disse eu, piscando-lhe o olho.

A expressão da Paloma suavizou-se. “Passámos os últimos dias a planear esta noite, e...”

Estendi a mão sobre a mesa, pegando na dela. “Paloma, na verdade não precisávamos de planear nada para esta noite. Não precisávamos desses dias em Ratxó. Esta missão é fácil, nada de especial. Passámos esses dias apenas para nos aprofundarmos nas personagens que vamos assumir... O Baumann e a Camilla devem estar a chegar a qualquer momento.”

Como se por sinal, o casal que estávamos à espera apareceu, com a sua presença a cativar imediatamente a atenção. Baumann, alto e imponente, exalava uma aura de autoridade, enquanto a Camilla... bem, a Camilla.

“Ei, não os olhes assim,” a Paloma sussurrou, os olhos ligeiramente estreitados enquanto os observava de relance.

O Baumann e a Camilla foram conduzidos a uma mesa não muito longe da nossa, a sua chegada misturava-se perfeitamente com a sofisticação da noite. À medida que se acomodavam, não pude deixar de me sentir... atónito, espantado, estupefacto!

“Ela é igual à Mariangela!” Pensei. “Parece a sua gémea.”

Observei-a enquanto ela ali estava, os seus olhos verdes, como jade apanhado à luz do sol, penetrando a névoa da minha memória e lembrando-me da Mariangela. A sua pele, bronzeada após incontáveis dias sob um sol impiedoso, retinha o calor de verões longínquos. O seu cabelo loiro, intercalado com madeixas castanhas naturais, fluía em ondas suaves, captando a luz e brilhando como ouro fiado—tão remanescente da Mariangela. As suas pernas, que pareciam estender-se para sempre, eram tonificadas e elegantes, carregando-a com a elegância sem esforço de uma dançarina. Os ângulos do seu rosto, agudos mas suaves, enquadravam uma beleza tão marcante e genuína quanto uma gema rara. Ali estava a Camilla, uma imagem espelhada que ostentava outro nome, ao lado de outro homem. E ali estava eu, mudo.

“Achas que eles vão notar-nos?” Perguntou a Paloma, a voz mal audível.

Fiquei mudo.

O empregado de mesa voltou com o nosso vinho, servindo-o com um floreio.

“Para uma bela noite,” disse eu, erguendo o meu copo num brinde.

Brindámos, o som era um delicado sino que ecoava no crepúsculo.

“Para uma bela noite,” repetiu a Paloma, “e para a nossa missão,” acrescentou.

À medida que as primeiras estrelas começavam a aparecer no céu que escurecia, não conseguia abalar a sensação de que estávamos à beira de algo monumental. O jogo estava em jogo e cada movimento a partir daqui moldaria o nosso destino. A impressionante semelhança da Camilla com a Mariangela só intensificava a intensidade do momento. À medida que a noite se desenrolava, dirigimo-nos para a pré-festa no bar do hotel. Tendo já trocado olhares com a Camilla—talvez demasiados—cada uma das suas respostas parecia mais intensa do que a última. Estava pronto para desempenhar um papel muito além do que me fora atribuído.

Enquanto observava a Paloma executar os nossos planos meticulosamente delineados, pensava sempre na Mariangela—uma semelhança com a Camilla despertava isso em mim. O bar da esplanada do hotel, onde então nos encontrávamos, estava imerso no tipo de calma opulenta que só lugares intocados pelo tempo podem oferecer.

A Paloma, com a elegância de uma estrategista, tinha retirado o tabuleiro de xadrez do *lobby* principal e colocado-o entre a entrada da esplanada e um muro baixo de pedra com vista para a aldeia. A luz da lua derramava-se sobre ela, iluminando as peças de xadrez que ela arranjava meticulosamente—uma configuração em d4 e d5 que parecia um desafio aos deuses do destino e da estratégia.

Ela olhou para mim antes de focar a sua atenção no tabuleiro.

Como planeado, o Baumann apareceu, o seu caminho em direção à Camilla interrompido pelo que parecia ser um deslize desajeitado da Paloma—um peão caiu no chão. O som que fez ao atingir a pedra parecia anormalmente alto no silêncio momentâneo que se seguiu.

Ele parou, desviando a atenção do tabuleiro para a Paloma e depois para a peça no chão.

O Baumann inclinou-se, recolheu o peão, tudo com movimentos deliberados, como se cada ação fosse parte de um jogo maior. Entregou-o à Paloma, com os seus olhos a estreitarem-se ligeiramente em reconhecimento—ou seria admiração?

“O Gambito de Rainha,” ele comentou.

“É tudo sobre sacrifício,” respondeu suavemente a Paloma, numa frase cheia de estratégia e subtexto. O seus dedos deslizaram levemente sobre o tabuleiro, com o seu toque quase reverente enquanto colocava o peão de volta no seu lugar.

O Baumann riu-se, um som que parecia ressoar do fundo do seu peito. “De facto, é,” disse ele. “Um movimento ousado, sacrificar um peão para obter maior controle. Uma metáfora para a vida, talvez?”

“Ou talvez seja uma lição de futilidade,” retorquiu a Paloma, com o olhar fixo no dele. “Às vezes, o sacrifício é muito maior do que o ganho. Por favor, sente-se—preciso de alguém para jogar comigo, já que o meu parceiro habitual não está disposto a fazer os sacrifícios necessários.”

O Gambito da Rainha é, de facto, um movimento ousado em que os brancos sacrificam imediatamente um peão para controlar o centro do tabuleiro e forçar o jogo para a frente.

A Paloma sorriu, observando o Baumann a mover um peão preto para e5 em resposta—um movimento agressivo e audaz.

“Um Contragambito de Albin. Uma espada de dois gumes,” observou ela. “Certamente elevou o jogo.”

Afastado da intriga do xadrez, aproximei-me da Camilla que estava na esplanada, com um Negroni para mim e uma Aperol Spritz para ela.

“Parece que fomos abandonados,” notei, acenando para a Paloma e para o Baumann absortos no jogo deles.

“A sua mulher é deslumbrante. Realmente *bella*,” comentou a Camilla, aceitando a bebida com um sorriso caloroso.

“Obrigado, mas a Paloma é apenas uma amiga,” clarifiquei, mostrando subtilmente a minha mão, livre de qualquer aliança de

casamento, momentaneamente afastando-me dos papéis que tínhamos planeado. “E então? Está a gostar da noite?”

O olhar da Camilla seguiu o meu de volta para a mesa de xadrez. “Sim, mas é sempre mais interessante com um pouco de competição, não é?”

“Às vezes,” respondi, ainda confuso com a sua beleza e a semelhança com a Mariangela, fazendo com que as minhas palavras vacilassem.

“Está de férias?” Perguntou a Camilla. “Com uma amiga?” Ela acrescentou.

“Sim, é verdade. Estou à procura de inspiração para o meu novo livro,” disse eu.

“É escritor? Sobre o quê?” Ela perguntou.

“Sim. Sobre amor, sexo e espionagem,” revelei.

Bebemos as nossas bebidas, conversando sobre assuntos triviais. De vez em quando, olhava para a Paloma, observando-a à distância. Os seus gestos eram meticulosamente escolhidos para cativar e controlar. O Baumann também não era novato no jogo, o seu olhar sobre a Paloma era agudo e calculista.

Então, de repente, a Camilla disse, “preciso de ir; temos uma festa e preciso mudar de roupa.”

Ao acompanhar a Camilla ao tabuleiro de xadrez, o jogo ainda estava em andamento.

“Boa noite,” ela disse à Paloma, que acenou com um sorriso educado.

“Boa noite,” ecoou a Paloma.

“*Tesoro*, temos de ir. Preciso mudar de roupa,” disse a Camilla ao Baumann. A Camilla tratava o Baumann como “*tesoro*” tal como a Mariangela me tratava. Como tudo isso me afetava.

“Sim, querida,” o Baumann respondeu à Camilla. “Tem estado a registar todos os movimentos nesse livrinho. Por favor, guarde-o. Amanhã, passaremos a tarde no meu iate. Está ancorado em Sa Foradada. Apareçam lá, os dois, a meio da tarde, e continuaremos este jogo.”

A Camilla, olhando diretamente nos meus olhos, disse, “até amanhã.”
